

Praxiologia Motriz: construção de um novo olhar dos jogos e esportes na escola

João Francisco Magno Ribas

Departamento de Desportos Coletivos - Universidade Federal de Santa Maria RS

Resumo: A Praxiologia Motriz, idealizada pelo professor francês Pierre Parlebas no final da década de 60, aos poucos vem mostrando novas e relevantes reflexões para a Educação Física. No presente artigo, trato de apresentar pontos relativos à Praxiologia que poderão contribuir para o ensino dos jogos e esportes na Educação Física Escolar. Assim, divido o texto da seguinte forma: Melhor compreensão do que se está ensinando; ensino com mais consistência e sentido; transferência de estruturas e lógicas de atividades; organização e seleção de conteúdos. Na última parte do texto apresento uma síntese do que realizei no estudo de doutoramento.

Palavras-chave: Praxiologia motriz, aprendizado, educação, ensino.

Motor praxiology: the construction of a new looking about games and scholastics sports

Abstract: The Motor Praxiology, idealized for French teacher Pierre Parlebas in the end of 60's, bit by bit is showing new and relevant reflections for the Physical Education. In the present article, I present points related to Praxiology, which might contribute to the teaching of games and sports in Scholastic Physical Education. Thus, I divide the paper in the following form: Better comprehension from what it is teaching; teaching with more consistency and meaning; transference of structures and logics of activities; organization and selection of contents. In the last part of the text, I present a synthesis about my doctorate work.

Key Words: Motor Praxiology, learning, education, teaching.

Introdução

A Praxiologia Motriz se constitui em um recente e relevante conhecimento acerca dos jogos e esportes. O ponto de partida da teoria da ação motriz consiste em estudar e entender a essência dos jogos e esportes, independentemente de seus atores ou contexto. É como o conhecimento das notas musicais que norteia e dá rumo ao ensino da música.

Mas aprender as notas musicais é o suficiente para formar um bom músico ou um licenciado em música? Claro que não - e por isso se faz necessário o estabelecimento de uma meta, contexto, projeto, enfim, um sentido para tudo. Já antecipo estas questões ao leitor para que entenda que o conhecimento praxiológico não tem a intenção de substituir, concorrer e tampouco se constitui em uma nova abordagem metodológica da Educação Física. Porém, se constitui em um importante e, no meu entender, fundamental, olhar dos jogos e esportes.

Assim, parto do princípio de que a teoria da ação motriz consiste em um instrumento de compreensão do mundo dos jogos e esportes, essencialmente do estudo e compreensão da lógica interna. Como se utilizássemos uma objetiva mais precisa em uma câmera fotográfica. Obviamente que cada câmera tem a sua especialidade e peculiaridade. Uma lente mais precisa para um determinado e específico tipo de foto dará melhores formas, cores e precisão à fotografia. Assim, uma de minhas hipóteses é que, com pequenos ajustes e adequações, o conhecimento praxiológico poderá

complementar qualquer uma das abordagens que temos atualmente em nossa área, fazendo com que o profissional aproxime ainda mais seus propósitos pedagógicos à prática.

Pierre Parlebas comentou em uma palestra no V Seminário Internacional de Praxiologia Motriz, que aconteceu de 29 e 30 de outubro de 2001 em A Coruña, que este conhecimento busca "desvelar o mundo dos jogos, esportes e outras práticas motrizes a partir do estudo da lógica interna dessas atividades". Essa disciplina, que também propõe uma nova terminologia, trabalha com a criação de instrumentos e métodos para conhecer o mundo das atividades físicas, desde a lógica interna, mas em consonância e compreendendo o sentido com base na lógica externa. Buscando aclarar algumas relações entre Educação Física Escolar e Praxiologia Motriz, serão apresentadas definições e reflexões que justificam a necessidade de estudos que relacionem ambos os temas.

O primeiro ponto a ser destacado é que a Praxiologia Motriz define um objeto próprio da Educação Física escolar, no caso, a conduta motriz. Parlebas (1996) propõe esta terminologia, com o intuito de delimitar a área de atuação no contexto escolar, de forma que nenhuma outra área possa disputar-lhe e tampouco definir seus rumos e objetivos. A definição de conduta motriz não está reduzida ao conjunto de manifestações ou fatos observáveis. O autor entende a

conduta motriz como sendo uma organização do comportamento motor, mas com significados.

Quando assistimos a uma partida de futebol, não estamos vendo somente vinte jogadores tentando fazer gol e defendendo o seu território e dois goleiros evitando que o adversário faça o gol. Existe um sentido para tudo isso, um significado, intenção, filosofia de jogo, um motivo para a competição, história dos jogadores, enfim, uma série de fatos que dão significados a essas ações. Dependendo do jogo, do adversário, do tempo, da relevância da competição, do salário, de satisfação pessoal, é que será possível determinar o grau de envolvimento e participação na partida. As ações de jogo carregadas de significados são entendidas por Parlebas como condutas motrizes. During (1992) complementa ainda mais esta idéia destacando que toda conduta motriz se manifesta por um comportamento motor, mas não se reduz a este.

A Educação Física Escolar é entendida como um campo da pedagogia das condutas motrizes, ou seja, uma prática de intervenção que exerce influência sobre as condutas motrizes dos participantes em função das normas educativas implícitas ou explícitas (PARLEBAS, 1999; p.119). Tentaremos esclarecer um pouco mais esta afirmação.

“O professor de Educação Física trabalha com as condutas motrizes de seus alunos.” O que Parlebas quis dizer com isso? Que o professor deverá enfatizar em suas aulas de Educação Física aspectos relativos à cultura corporal de movimento, ou seja, a ênfase deverá ser na pedagogia do movimento e não na psicologia ou na filosofia. Essas áreas permeiam, sustentam e obviamente auxiliam o profissional em sua prática pedagógica. Entretanto, o ponto de partida e chegada são as manifestações da cultura corporal de movimento (jogos, esportes, atividades didáticas e atividades livres), onde, de acordo com Bracht (1997) o saber que trata a Educação Física é *“a) ser um saber que se traduz num saber fazer, num realizar “corporal”; b) ser um saber sobre este realizar corporal”*.

Para isso, o professor deverá conhecer e compreender melhor o que quer ensinar, no caso, os jogos, esportes, atividades didáticas e atividades livres. Estrutura geral das atividades, tipos de interações, características essenciais, processos de tomadas de decisões, entre outros conceitos, irão auxiliar o professor no desenvolvimento do saber da Educação Física, tanto na dimensão do *“saber fazer”* como no *“saber sobre o realizar corporal”*. Será que isso está claro em nossa prática pedagógica quando nos deparamos com uma grande quantidade de práticas da cultura corporal de movimento? Será que temos instrumentos suficientes para

fazermos esta mediação, organização, sistematização, reflexão e síntese das distintas práticas da cultura corporal de movimento?

Sem dúvida nenhuma, a Praxiologia Motriz não resolve definitivamente o problema. Mas, de forma muito original e consistente, aponta novos horizontes para essa questão. Não adianta insistir em criticar as práticas basicamente esportivas e desenvolver jogos com a mesma estrutura. Nem falar de cooperação trabalhando práticas de oposição. Ou então, possibilitar vivências diferenciadas de movimentos sem modificar sua lógica e sim o tipo de atividade, como acontece com os esportes coletivos que, praticamente predominam nos programas de Educação Física.

São questões como essas que debateremos na seqüência, divididas em quatro subtemas, no caso: compreender melhor o que se está ensinando; ensinar com mais consistência e sentido; transferência de estruturas e lógicas de atividades; organizar e selecionar conteúdos. Muito provavelmente, em determinados momentos, não conseguirei acompanhar esta divisão que estabeleci. Assim, por exemplo, quando estiver falando de transferência de estrutura, também poderei incluir na discussão a organização de conteúdos e de seus significados. Na última parte do artigo comentarei os resultados do estudo de doutoramento onde irei ilustrar um pouco melhor essa possibilidade de inserção das reflexões da Praxiologia Motriz no contexto escolar.

Compreender melhor o que se está ensinando

Muitas vezes o professor ensina o futebol repetindo os exercícios que estão nos livros, que aprendeu no curso, que trocou com o colega e pouco sabe de alguns princípios da Praxiologia Motriz que poderiam auxiliá-lo (e aos alunos) na criação dessas aulas. A lógica do futebol não requer uma perfeita execução de movimentos. Claro, existem *“Rivaldos e Ronaldos”* que têm muita precisão, sabem posicionar-se no momento certo, efetuar verdadeiros malabarismos com a bola, enfim, jogar com inteligência. Mas por outro lado, será que passariam por nossos antigos (creio e desejo eu que sejam antigos) testes de execuções corretas do chute, recepção ou qualquer outro elemento técnico?

Será que não é o fato de eles terem mais alternativas técnicas, maior capacidade de avaliar situações rapidamente e tomar decisões que os difere dos demais atletas? Será que não é aquela forma especial que cada jogador possui e que foge dos padrões que dá essa excepcional condição de jogo? Não seria mais interessante que o aluno buscasse entender o futebol e todas as suas dimensões e, em se tratando da Praxiologia Motriz, compreender sua estrutura e lógica

interna de funcionamento, assim como suas possibilidades de participar nesta atividade de forma criativa, inteligente e interessante?

Resumidamente, podemos dizer que o futebol é um jogo competitivo onde duas equipes enfrentam-se para fazer o gol. É jogado com uma bola que poderá ser tocada com qualquer parte do corpo, menos com os membros superiores, exceto o goleiro dentro de sua área de jogo - que poderá utilizar as mãos. Estão presentes a cooperação e a oposição, ou seja, minha ação motriz depende da ação de meus companheiros e dos adversários. Isso quer dizer que a todo o momento o participante dessa modalidade deverá estar tomando decisões em função de seus companheiros de equipe e de seus oponentes.

O processo de leitura da informação vinda do companheiro e do adversário é fundamental. O participante de modalidades com essas características deverá, a todo momento, ler e interpretar as informações de seu companheiro e adversário e, por outra via, também é portador de informações. Essas deverão ser claras e legíveis para seu companheiro, e totalmente obscuras para o adversário. "Estar no lugar certo na hora certa" ou "conhecer os atalhos do campo", acho que já escutamos essas expressões algumas vezes. Na interpretação praxiológica seria aquele jogador que consegue ler as informações do adversário e posicionar-se da melhor forma possível, antecipando-se a seus adversários e ocupando os melhores espaços. Será que foi assim que aprendemos a jogar handebol e futebol em nossas aulas? Será que é dessa maneira que estamos ensinando?

Assim, entendendo melhor a dinâmica da atividade o professor saberá passar essas informações de forma mais precisa e eficaz. Inclusive, os próprios participantes poderão criar a sua forma de participação.

Essa compreensão da lógica interna das práticas motrizes deverá ser compartilhada e construída com os alunos. A lógica do futebol não é um conhecimento exclusivo do professor, como vimos no exemplo anterior. Na medida do possível, o aluno poderá entender cada vez melhor a lógica interna e o mundo dos jogos, esportes e outras práticas motrizes. Assim, poderá opinar sobre uma determinada modalidade ou até envolver-se em uma análise mais ampla, incluindo a lógica externa, que abrange problemas de violência no esporte, mídia, política e interesses que rodeiam esse espetacular mundo.

Na prática, significa construir com os alunos novos critérios para entender o mundo dos jogos, esportes e outras

atividades físicas. Como no exemplo do futebol, o aluno poderá perceber que esta modalidade possui uma característica de cooperação entre companheiros, mas existe a lógica externa que modifica toda dinâmica desse esporte. Os atacantes recebem melhores salários que os defensores. Os patrocinadores, em muitos casos, determinam o número de apresentações de suas estrelas, influenciando na própria decisão do treinador de encontrar um estilo próprio de jogo. Quando o tema é a seleção brasileira, a discussão ainda é mais complexa já que envolve um número enorme de elementos externos à lógica interna da atividade e que dá um novo sentido ao futebol.

Congruência entre objetivos do ensino e situações pedagógicas propostas

Este ponto nos leva a comentar uma vez mais a relação teoria-prática em aulas de Educação Física. Será que estamos conseguindo coerência nesta relação? O professor consegue atingir seus propósitos com as alternativas pedagógicas que possui? Obviamente não temos as respostas para essas questões, mas gostaríamos de comentar algumas situações mais específicas em nossa área onde o professor se depara com dificuldades. Usaremos alguns argumentos e caminhos dessa nova disciplina.

Outro dia, durante uma reunião com os professores da Rede Municipal de Americana, pensávamos em estratégias para quebrar o clima de competição nos Jogos Escolares Municipais. Pensamos na queimada, rouba-bandeira e em outros jogos tradicionais. Entretanto, ao analisar a lógica interna das atividades que optamos, constatamos que eram as mesmas do futebol ou handebol. Percebemos que se incluíssemos essas atividades estaríamos apenas esportivizando esses jogos, ou seja, dando regras mais fixas e definitivas para inclui-los em um evento esportivo. Assim, concluímos que se quiséssemos incluir atividades sem a lógica competitiva, teríamos que escolher outro grupo de atividade, no caso, as cooperativas. Mesmo neste grupo podemos encontrar atividades que tenham como lógica a cooperação e a competição. Mas já chegamos mais perto. A solução foi realizar uma tarefa para os alunos de todas as escolas (um grupo de cada escola), onde um dependesse do outro para solucioná-la. Solicitou-se a criação de uma coreografia e propôs-se uma mesma música para todos. No dia da apresentação, os grupos atuaram juntos, ocupando lugares variados na quadra. Claro que essa excelente idéia saiu desses interessados colegas da rede municipal de Americana. O pouco que pude fazer foi, a partir de critérios da Praxiologia Motriz, buscar maior proximidade entre proposta e atividade.

Outro caso muito freqüente se dá com os jogos cooperativos. Normalmente confunde-se jogos cooperativos com jogos tradicionais. Alguns professores buscam trabalhar atividades cooperativas incluindo atividades como o rouba-bandeira e a queimada. Temos ainda outra opção, o gato e o rato. Segundo o próprio Parlebas, o jogo tradicional é o âmbito menos conhecido de todos porque suas regras estão configuradas em função de uma realidade e cultura. Não são padronizadas para todo o mundo como é o caso dos esportes, ou seja, em cada realidade encontramos formas diferentes de organizar o jogo, mesmo os mais conhecidos como o rouba-bandeira e a queimada.

Uma vez mais o professor talvez não consiga atingir seus propósitos porque, segundo os critérios praxiológicos, nenhuma das atividades anteriores estaria tratando de possibilitar somente a cooperação. No caso das duas primeiras, o rouba-bandeira e a queimada, os critérios da Praxiologia mostram que são atividades cooperativas e de oposição, ou seja, a competição está presente. Já a brincadeira do gato e rato também se constitui em uma atividade competitiva de cooperação e oposição, porém, existe grande alternância de funções (gato, rato e roda) que descaracteriza a competitividade entre grupos e pessoas como acontece no rouba-bandeira e queimada, onde existe uma divisão em grupos similares aos esportes coletivos. É importante destacar também que poderei estar redondamente enganado se as normas dessas atividades não forem aquelas que normalmente conhecemos, alterando assim as características da lógica interna da atividade. Por isso a necessidade de sempre estarmos atentos às normas que regem o jogo.

Assim, não garantimos nossos objetivos simplesmente substituindo jogos por esportes e vice-versa. O jogo, por si só, não garante a construção de uma boa proposta pedagógica. Existem jogos competitivos, violentos e preconceituosos. Essas leituras é que devemos fazer também, assim como normalmente é feito com o esporte.

Transferência de estruturas e lógicas de atividades

A idéia da compreensão da lógica interna como vimos no exemplo do futebol, facilita a transferência da aprendizagem para outras atividades. O basquetebol, o handebol e o voleibol possuem a mesma estrutura de jogo, mudando apenas a forma de participação na atividade. Poucas vezes lembramos disso em aulas de Educação Física. Sempre trabalhamos uma nova modalidade, e mais, a iniciação dessa nova modalidade.

O sistema de classificação, o CAI¹, é uma das grandes referências para caracterizar cada âmbito das atividades e possibilitar a transferência de estrutura. Conversando com os meus companheiros de laboratório de Praxiologia, percebi a possibilidade de facilitar um pouco mais essa classificação para o contexto escolar. Tentarei mostrar minha idéia nos próximos parágrafos, calcada em Parlebas (1991), em um texto apresentado pelo professor Lavega Burgués (2000) no V Seminário Internacional de Praxiologia Motriz.

O CAI, parte de dois critérios, um referente à forma de interação e o outro com relação ao meio físico. Para esta comunicação utilizaremos somente o primeiro critério para atividades desenvolvidas em meio estável (padrão), por caracterizar melhor o meio educativo. As atividades na natureza (meio instável) merecem outro texto. Assim, no que tange à forma de interação, podemos chegar a quatro grupos distintos: atividades sem interação motriz (ou psicomotriz), atividade com interação de oposição, atividade de interação de cooperação e atividade de interação de oposição e cooperação, essas últimas denominadas sociomotrizes.

Nas atividades sem interação ou psicomotriz, pode-se dizer que a ênfase deverá estar centrada na própria atividade. O praticante deverá estar totalmente envolvido com sua tarefa e buscar resolver o problema ou propósito, sempre centrando a atenção no que está fazendo. Essa orientação vai desde uma corrida até o malabarismo com três bolas. Claro que o foco da atenção dependerá da atividade, alguns terão que aprender a lidar com materiais, como é o caso dos jogos malabares, outros, melhorar índices e performances, no caso dos velocistas, ou então, a consciência de determinadas partes do corpo, no caso de exercícios para conscientizar a postura.

Nas atividades sociomotrizes entra o processo de informação com relação aos outros. No caso das atividades de oposição, a leitura deverá ser do adversário, ou seja, sempre o praticante deverá agir em relação ao seu oponente. A todo instante, ele deverá interpretar a ação do adversário e buscar a antecipação dessas ações para superá-lo. A sua informação deverá ser a mais obscura possível, ou seja, quanto menor a clareza das informações para o seu adversário, maiores serão as possibilidades de êxito. Em síntese, o participante deverá ser o mais imprevisível possível para o seu adversário. Tentará interpretar o mais rápido possível as ações deste, buscando a antecipação, e colocará em prática a sua proposta de jogo. Essa informação vale para esportes de raquetes-simples como o tênis e tênis de mesa, peteca-simples, lutas,

¹ Forma como ficou conhecido o sistema de classificação dos jogos/esportes de Parlebas, justamente porque se refere as iniciais dos critérios desta classificação, no caso, Cooperação, Adversário e Incerteza. Motriz, Rio Claro, v.11, n.2, p.103-110, mai./ago. 2005

pega-rabo (um contra um), briga de galo, desequilíbrio (um contra um), entre outros mais.

Nas atividades cooperativas também existem os processos de informações, entretanto, funcionam de forma totalmente contrária. Se no primeiro caso a imprevisibilidade da ação era fundamental, neste grupo ocorre o oposto. O praticante deverá ser o mais previsível possível com as suas ações para poder articular com as ações de seu(s) companheiro(s). O colega deverá saber o que irei fazer porque já não existe mais a “minha” ação e sim, a “nossa” ação. Quanto melhor a integração (facilitação de leituras) entre os participantes, melhores são as chances de êxito na atividade. Essa estrutura poderá ser encontrada em apresentações de ginástica rítmica (grupo), nos revezamentos (em raia separadas), no jogo da capoeira, no frescobol, jogos cantados em roda, entre muitos outros jogos e esportes.

Por fim, temos as atividades que conjugam a cooperação e oposição. Neste caso, os dois processos de informações comentados anteriormente ocorrem concomitantemente. No instante em que o participante lê a informação do(s) adversário(s) e de seu(s) companheiro(s), busca deixar clara as informações para seu(s) companheiro(s) e tornar obscuras para o(s) adversário(s). Desse processo de interação, o participante deverá tomar um grande número de decisões, como deslocar-se para frente, para trás, passar ou chutar a gol, trocar de espaço com o companheiro, defender, fazer cobertura etc. Os tipos de decisões poderão ser finitas, impossível é prever a sua seqüência. O desafio das equipes é justamente antecipar a leitura do adversário e ludibriá-lo com informações incorretas e imprecisas. Neste grupo temos o futebol, handebol, voleibol, basquetebol, rouba-bandeira, queimada, pega-pega, pega-corrente, taco entre muitas atividades. Logo, as informações são padrões para todas. Pode-se aproveitar a estrutura de uma para chegar à outra, evidenciando, obviamente, as diferenças e variantes.

Poderíamos destrinchar ainda mais estes elementos da Praxiologia, mas não é nossa proposta neste momento. O que quis mostrar até aqui é que existem instrumentos de análise da Praxiologia Motriz que facilitam este processo de transferência de estruturas. O CAI é um deles, e esse tipo de análise que acabo de apresentar é uma das possibilidades. Ou seja, estamos apenas engatinhando neste caminho da reflexão sobre estruturas de atividades. Como diz o próprio autor, faltam investigações para desvelar este mundo.

Ensinar os jogos de forma desconectada de outras vivências motrizes é um dos maiores erros que cometemos hoje em nossas aulas de Educação Física. Quantas horas são perdidas ensinando o passe, a recepção, os deslocamentos, Motriz, Rio Claro, v.11, n.2, p.103-110, mai./ago. 2005

sem ensinar a estrutura geral da atividade e as possibilidades de criar formas de participação a partir de elementos básicos da lógica interna da atividade? Talvez possamos centrar um pouco mais esta questão no processo de organização e seleção de conteúdos, tema que será desenvolvido a seguir.

Organizar e selecionar conteúdos

Este ponto se refere justamente ao tema central de meu estudo de doutorado. Uma vez considerada a proposta pedagógica da escola, do município, dos PCN, incluindo aspectos relativos à realidade escolar e a própria visão de mundo do professor, é chegada a hora de colocar a mão na massa. Por onde começar? Do conhecido para o desconhecido, como propõe o Construtivismo? Do simples para o complexo? E que referência temos para desenvolver estas atividades com relação às suas características? Temos que trabalhar somente com jogos coletivos? Ou esportes? Ou atividades cooperativas?

Neste instante, a partir do olhar praxiológico, entendo que estamos ensinando em nossas aulas atividade por atividade. Uma boa metáfora, a mais utilizada pelos praxiólogos, se refere à música. Nossa situação na Educação Física é equiparada a um aluno da teoria musical que tivesse que aprender música por música.

Isso me faz lembrar de quando aprendi a primeira música no violão, “*Pra não dizer que não falei das flores*”, de Geraldo Vandré. Quantas pessoas não iniciaram o aprendizado de um instrumento, nesta época, por esta música? Além da importância política, havia outro elemento que atraía os aprendizes, principalmente de violão: é que utilizávamos apenas duas notas musicais de simples execução (lá menor e sol). O professor de música poderá aproveitar essa questão contextual, e creio que faça isso, para introduzir novas notas musicais, ritmos e novas músicas, e não para ensinar música por música. Por conta da reflexão praxiológica, na Educação Física Escolar, pode-se afirmar que ainda estamos ensinando atividade por atividade e não a gramática do jogo/esporte².

Os exemplos e as metáforas são infinitos, e junto com estas reflexões cresce o número de questões, como por exemplo: como organizar e selecionar conteúdos em um grande universo de práticas físicas?

A Praxiologia Motriz sugere caminhos para uma resposta mais consistente a essa questão. Um deles poderá ser

² Os professores do laboratório de Praxiologia Motriz, Francisco Lagardera e Pere Lavega, utilizam esta expressão para sustentar a posição que os jogos e esportes são possuidores de uma gramática muito singular, que deve ser

estruturado a partir do Sistema de Classificação que foi comentado no tópico anterior. A partir do CAI, irei situar um pouco mais a questão para discutir este tema, mas, conseqüentemente, estarei recortando e reduzindo a ação pedagógica.

Com base em uma das idéias do Construtivismo, partir do conhecido para o desconhecido, o educador poderá deparar-se com um problema: Até onde podemos conhecer esse universo de atividades? O que podemos conhecer além de atividades? Vamos ver a que rumos o conhecimento praxiológico poderá encaminhar a referida questão.

Os alunos de uma determinada realidade vivenciam, com muita freqüência, atividades de voleibol, futebol, funk, taco e peteca (jogo sem competição). A que grupo pertence essas atividades de acordo com o CAI?

- Cooperação e oposição: futebol, voleibol e taco.
- Cooperação: peteca e funk.

O sistema de classificação está composto por oito grupos de atividades. Digamos que este professor optou por cinco grupos. Quais os caminhos que já poderia trilhar com base no CAI? Vejamos:

- Ensinar as principais características das atividades de cooperação e oposição. Ou seja, a partir do conhecido, o aluno iria identificar algumas características de lógica interna de cada grupo, como por exemplo, tomada de decisão nas atividades de cooperação-oposição ou a necessidade de ler o movimento do companheiro para realizar uma atividade cooperativa.

- Construir e criar outras atividades com os alunos com características similares, mostrando o número infinito do universo dos jogos, esportes e outras práticas físicas.

- Ensinar atividades com características estruturais diferentes, como atividades de oposição e atividades sem interação (atividades psicomotrizas). Este grupo de atividade poderá apresentar peculiaridades diferentes e até opostas aos já conhecidos.

Exemplo de investigação no âmbito educacional

Apresentarei, de forma resumida, minha tese de doutorado orientada pelo professor Ademir De Marco, desenvolvida na UNICAMP em conjunto com o Grupo de Estudos Praxiológicos, do Laboratório de Praxiologia Motriz do Instituto Nacional de Educação Física da Cataluña, Centro de Lleida, Espanha, e defendido no dia 11 de março de 2002 (RIBAS, 2002).

O objetivo geral do presente trabalho consiste em avaliar a Educação Física Escolar na ótica da Praxiologia Motriz. Para atingir este objetivo a questão ganhou maior especificidade, e

originou três objetivos: analisar, com lentes praxiológicas, a estrutura dos blocos de conteúdos e das atividades sugeridas em cada bloco para o Ensino Fundamental; com base nas análises das atividades e no conhecimento praxiológico, interpretar os alicerces teóricos da área de Educação Física dos PCN para o Ensino Fundamental; e, por fim, elaborar uma proposta de conteúdos de Educação Física para o referido documento.

Foram utilizados dois instrumentos da teoria da ação motriz para orientar os objetivos propostos. O primeiro está relacionado à forma de interação dos participantes (sem interação, cooperação, oposição e oposição-cooperação) e ao meio de prática (estável e instável). A outra matriz de análise organiza as grandes situações motrizes da Educação Física, no caso, jogos tradicionais, esportes, exercícios didáticos e atividades livres.

Em relação ao primeiro objetivo, análise dos blocos e propostas de conteúdos, foi possível constatar: o descuido que ainda existe no trato com os jogos tradicionais; a força com que é enfatizado o esporte; imprecisão terminológica; concentração de atividades com estruturas similares, como os jogos de cooperação-oposição e, conseqüentemente, ausência de práticas do tipo cooperativa e as atividades na Natureza.

Por outra via pode-se verificar que existe uma proximidade da concepção de cultura corporal às bases teóricas antropológicas que deram origem à teoria da ação motriz. Identificou-se a existência de uma lacuna entre as bases teóricas e os conteúdos, ao ponto de se combater aulas esportivizadas e, como principal conteúdo do bloco dos jogos tradicionais e esportes, propor atividades predominantemente esportivas, ou que preparam para o esporte.

A proposta para a organização dos conteúdos de Educação Física para o Ensino Fundamental partiu dos três blocos do documento: jogos tradicionais e esportes (a terminologia foi adequada); atividades rítmicas e expressivas; conhecimentos sobre o corpo. Cada bloco foi estruturado em função do Sistema de Classificação, que organiza as atividades a partir do tipo de interação e do meio de prática (no caso dos jogos e esportes), seguidas das formas de organização das grandes situações motrizes da Educação Física. Na seqüência apresento o primeiro esboço da proposta praxiológica para cada grupo de atividade que será comentada em linhas gerais na seqüência.

aplicada, conhecida e respeitada para que cada modalidade seja colocada em prática.

OBJETIVOS DOS CONTEÚDOS - PCN	SUGESTÕES DE ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES A PARTIR:	
	SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO (CAI)	GRANDES SITUAÇÕES MOTRIZES
CONHECIMENTO SOBRE O CORPO	<ul style="list-style-type: none"> ❖ PSICOMOTORAS ❖ COOPERATIVAS 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ JOGOS ❖ EXERCÍCIOS DIDÁTICOS ❖ ATIVIDADES LIVRES
ATIVIDADES RÍTMICAS E EXPRESSIVAS	<ul style="list-style-type: none"> ❖ PSICOMOTORAS ❖ COOPERATIVAS 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ JOGOS ❖ EXERCÍCIOS DIDÁTICOS ❖ ATIVIDADES LIVRES
JOGOS E ESPORTES	<ul style="list-style-type: none"> ❖ PSICOMOTORAS ❖ COOPERATIVAS ❖ OPOSIÇÃO ❖ COOPERAÇÃO E OPOSIÇÃO ❖ ATIVIDADES NA NATUREZA 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ JOGOS ❖ ESPORTES ❖ ATIVIDADES LIVRES

Figura 01: Sugestão de grupos de atividades para cada bloco de conteúdos a partir do sistema de classificação e das grandes situações motrizes.

Com relação ao primeiro bloco, conhecimento sobre o corpo, entendemos que para atingirmos as metas propostas deve-se trabalhar a partir de atividades psicomotrizas e cooperativas, ou seja, para conhecermos nosso corpo estes grupos de atividades, na prática, traduzem melhor este caminho. Tanto as atividades psicomotrizas como as atividades cooperativas podem ser trabalhadas a partir de jogos, exercícios didáticos e atividades livres.

No segundo grupo de atividades, atividades rítmicas e expressivas, também estão representadas por atividades psicomotrizas ou cooperativas. Quando ensinarmos atividades deste grupo em nenhum momento se farão necessárias estruturas que privilegiem a oposição porque quando ensinamos ritmo e expressão estamos centrando a atenção em uma relação do praticante com o ritmo (interno e externo) e/ou de sua expressão. Os jogos, exercícios didáticos e as atividades livres são as situações motrizes que caracterizam este bloco. Tanto no bloco anterior como neste as formas competitivas não são as mais adequadas para promover os objetivos propostos.

Por fim, no bloco dos jogos e esportes, além das atividades cooperativas e psicomotrizas, agregam-se as estruturas de oposição e oposição – cooperação. A competição consiste em um dos temas mais importantes neste bloco, principalmente quando desenvolvemos atividades esportivas. Nos jogos o leque de opções aumenta já que

promovem situações em que um colega é adversário e em seguida companheiro, ou então, a possibilidade dos adversários tornarem-se companheiros para superar um terceiro adversário, ou ainda, um desequilíbrio entre equipes. Os exercícios didáticos e os jogos normalmente são utilizados como forma de explorar novas formas de jogar ou melhorar a execução de movimentos.

Comentários finais

Existe uma série de possibilidades que poderíamos propor a partir das situações que apresentamos nesta reflexão. Entretanto, quanto maior o número de detalhes referentes à lógica externa³ ou contexto - como por exemplo, projeto da escola, material e espaço disponível, concepção de mundo do professor e perfil do aluno -, maior será a possibilidade de construir novas perspectivas com base nos instrumentos da Praxiologia Motriz.

É importante destacar que esses critérios praxiológicos não devem ser utilizados como uma ciência exata e sim como referência. O equilíbrio, por exemplo, não tem de ser entendido como 50% para um grupo de atividades e outros 50% para outro grupo, com tamanha exatidão. Esses valores são referências e deverão provocar um diálogo com o contexto. Quero dizer com isso que a leitura proposta pela

Praxiologia Motriz, em um primeiro instante, se refere ao jogo ou esporte e não somente ao aluno. Não é o caso de reproduzir receitas de uma turma para a outra e sim de ter clareza das situações pedagógicas que pretende construir com seus alunos.

Assim, os caminhos continuam sendo infinitos e não limitados por um sistema de classificação ou organização de atividades. A diferença é que os critérios da Praxiologia Motriz facilitam a organização desse universo, mas não os cria perfeito e objetivo. O que se torna mais palpável e claro, segundo o prisma da praxiologia motriz, é a lógica interna dos jogos e esportes.

Se antes tínhamos os esportes coletivos e esportes individuais, agora podemos organizar essas modalidades a partir dos tipos de interação (cooperação, oposição, cooperação-oposição e psicomotriz), ou então em relação ao meio de prática (atividades na natureza onde o meio é incerto ou em um meio padronizado), ou ainda, pela forma de regulamentar a atividade (esporte, jogo, atividade livre ou atividade didática). Este estudo deixa as primeiras orientações para os profissionais de Educação Física para organização e seleção de conteúdos a partir do Sistema de Classificação (CAI) e das Grandes Situações Motrizes

Outro ponto que gostaria de destacar é que os critérios de estudos dos jogos e esportes propostos pela Praxiologia motriz não deverão ser entendidos como redução de nossas aulas de Educação Física a ações motrizes. Pelo contrário, sugerimos que se constituam como um elemento a mais para dar novos significados às nossas práticas pedagógicas.

Tenho buscado esclarecer também que a Praxiologia Motriz não deve ser entendida como mais uma vertente pedagógica da Educação Física, e sim como área de conhecimento que apresenta um criterioso olhar sobre os jogos e esportes. Provavelmente um sentido metodológico da Praxiologia irá reduzir a prática pedagógica a sistemas de classificações de atividades e, conseqüentemente, ocultará a relevância deste conhecimento no processo de ação e reflexão de aulas de Educação Física na escola.

Referências

BRACHT, V. Educação Física: conhecimento e especificidade. In: SOUSA, E. S.; VAGO, T. M. (Org.). **Trilhas e partilhas: Educação Física na cultura escolar e nas práticas sociais**. Belo Horizonte: Cultura, 1997. p.13-23.

³ *Modo particular com que pode ser objeto de interpretação externa a lógica de todo jogo esportivo, na qual é possível atribuir significações simbólicas novas e insólitas (Parlebas, 1999: 220).*

DURING, B. **La crisis de las pedagogias corporales**. Málaga:UNISPORT, Junta de Andalucía, 1992. Edição original publicada em 1981, Editores Scarabée, Paris. Título Original: La crise des pédagogies corporelles.

LAVEGA BURGUÉS, P. La clasificación de los juegos, los deportes y las prácticas motrices. In: V SEMINARIO INTERNACIONAL DE PRAXIOLOGÍA MOTRIZ, 5.,2000, A Coruña, Espanha, **Anais...** p.207-224.

PARLEBAS, P. Didactique et logique interne des aps. **Revue EPS**, Paris, n.228, p.23-28, 1991.

PARLEBAS, P. Los universales de los juegos desportivos. **Revista de Praxiologia Motriz**, Las Palmas de Gran Canaria, v.1, p. 15-30,1996.

PARLEBAS, P. **Jeux, sports et sociétés: lexique de praxéologie motrice**. Paris: Institut du sport et de l'éducation physique, 1999.

RIBAS, J. F. M. **Contribuições da praxiologia motriz para a Educação Física Escolar :ensino fundamental**. 2002. 226 f. Tese (Doutorado em educação motora)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

Endereço:
Rua dos Andradas, 819 – Centro
Santa Maria RS
97010-031
e-mail: ribasjfm@uol.com.br

*Manuscrito recebido em 11 de outubro de 2005.
Manuscrito aceito em 07 de dezembro de 2005.*